

RELATÓRIO 02/CPS/75

ATIVIDADES DO PROJETO NAMBIQUARA DURANTE O TERCEIRO TRIMESTRE

Aproveitamos a entrega dos relatórios 02/NO/75 e 03/NO/75, de Ariovaldo José dos Santos, Encarregado da Equipe Móvel dos Nambiquara do Campo; 02/VG/75, de Silbene de Almeida, Encarregado da Equipe Móvel do Vale do Guaporé; e 02/NN/75 e 03/NN/75, de Judas Thadeu e Silva, Encarregado da Equipe Móvel dos Nambiquara do Norte, para fazer um comentário geral sobre as atividades recentes do Projeto Nambiquara.

Dividiremos nossas observações em três partes: Assistência Social, Assistência Econômica, e Assistência Médica. No geral, ficamos satisfeitos com a atuação do Projeto Nambiquara durante o período compreendido neste relatório--o segundo trimestre de sua atuação efetiva. Entretanto, nos sentimos decepcionados pela falta de apoio de outros setores da própria FUNAI.

I. Assistência Social

A. Educação

Atendendo às solicitações insistentes dos índios, abrimos, pela primeira vez, uma escola para alfabetização na língua Nambiquara do Sul. Devido a transtornos nas preparações, o início das aulas deu-se somente no dia 21 de julho. Uma vez iniciada, a escola continuou até dia 29 de agosto. Após este período houve uma semana de ensino especial para os líderes da aldeia de Camararé, que sentiam-se quase aptos para realmente ler e escrever. Embora tendo planejado para uns 15 alunos, atenderam 24, tanto adultos quanto crianças. Estes alunos representaram o PI Nambiquara, e as aldeias de Camararé, Serra Azul, e Aldeia Branca. Os índios das aldeias mais distantes moravam na escola junto com as suas famílias. Ariovaldo José dos Santos atendeu às necessidades práticas da escola; Menno e Barbara Krocker, do Summer Institute of Linguistics, lecionaram. Numa comunicação informal, a Sra. Bárbara diz que "A motivação permaneceu altíssima durante todo o curso," e "A assistência foi excelente."

A escola foi encerrada no início de setembro devido a necessidade dos índios voltarem às suas aldeias para queimar e plantar as roças. Incluindo alguns índios que os Kroeker já alfabetizaram, há, atualmente, aproximadamente 12 Mambiquara que sabem ler e escrever bem, e mais 18 que têm os fundamentos. Os quatro que melhor escrevem estão assistindo um programa especial do SIL para formar autores indígenas, em Cuiabá.

B. Terras

Continuemos, durante o trimestre, a proteger as terras reservadas, contra tentativas de invasão e afastamento. Descobrimos que funcionários da Bamerindus Agropastoril S/A continuaram a transitar pela Reserva Mambiquara, passando através da aldeia de Campos Novos, com o propósito de levar víveres e equipamento a uma turma que media terras limítrofes com a Reserva (veja Relatório 01/CPN/75, de 07/7/75, pág. 29). Dia 05 de agosto, dois funcionários da empresa citada deram bebida alcoólica aos índios desta aldeia, em violação do Art. 58 do Estatuto do Índio, e alegadamente tentaram seduzir as mulheres. Dia 14 de agosto, Ariovaldo José dos Santos apresentou queixa formal contra os acusados na Delegacia Especial de Polícia de Vilhena, RO, dando início a um processo de inquerito que chegou às mãos do Bel. Messias Marques, Delegado Executivo da Polícia Federal em Cuiabá, dia 06 de outubro. Como resultado do acontecido, a Bamerindus deixou de medir as terras em questão, e retirou a turma de medição, deixando os índios em paz.

A Fazenda Amburana, seguindo os conselhos de Sílbene de Almeida, desistiu do plano de construir casas para seus empregados na Reserva, e retirou as toras que havia depositado ali (veja Relatório 01/CPN/75, de 07/7/75, pág. 30).

A Fazenda Novo Oeste começou a deixar o seu gado pastar na Reserva, e não reagiu ao conselho de Ariovaldo José dos Santos, no sentido de que seja retirado. Os índios da região estão gostando da carne.

Infelizmente, o caso de Ademar Geraldo Pereira César (vulgo: "Mineiro," "Mineiro Louco") continua sem modificação, uma vez que a resolução do caso fica fora do alcance das nossas atribuições (veja Relatório 01/CPN/75, de 07/7/75, pág. 30). O mesmo continua a ameaçar e difamar o pessoal do Projeto Nambi-

quara, convidando outros civilizados a reunirem-se com ele para formar uma gleba, em plena Reserva. Naturalmente, depois de esperar sete anos sem que a FUNAI tome providências, a sua paciência está esgotada. Agora, se não houver uma resolução urgente, os índios serão gravemente prejudicados, e atritos surgirão.

Aguardamos, também, uma resolução do problema de terras no Vale do Guaporé. Descobrimos recentemente que a cúpula da FUNAI ainda considera seriamente a alternativa de criar muitas reservas pequenas na região, apesar de nossa advertência de que isto não apresenta as mínimas possibilidades de pôr fim aos atritos entre os índios e os fazendeiros (veja Relatório 01/CPN/75, de 07/7/75, pág. 31). Se os índios continuam onde estão, ainda que tenham pequenos pedaços de terra reservados, a situação atual continuará. Os índios não ficarão nas reservas, mas continuarão a visitar as fazendas, preferindo esmolar a trabalhar nas roças. Continuarão flechando gado; continuarão contraíndo doenças dos civilizados. Acabará a caça nas pequenas reservas muito antes dos índios ficarem culturalmente prontos para aprenderem a pecuária; a desnutrição será agravada. O custo de assistência efetiva ultrapassará o orçamento da FUNAI. Enfim, criar muitas reservas pequenas no Vale do Guaporé é condenar os índios à morte.

Como antropólogo, o Coordenador do Projeto Nambiquara deplora a necessidade de afastar estes índios das suas terras tradicionais, mas a gravidade da situação não deixa outra alternativa. Numa reunião promovida pelo Diretor do DQPC, dia 04 de outubro, o pessoal do SIL que trabalha com os Nambiquara há mais de 15 anos concordou na necessidade de fazer uma reserva para os índios do Vale do Guaporé na área interdita pelo Decreto Nº 74.515, de 05/9/74. Não sabemos ainda a opinião do antropólogo Pedro Agostino da Silva, da Universidade Federal da Bahia, que estudou a situação entre dia 07 e 14 de agosto, mas confiamos em que ele também chegará à mesma conclusão.

C. Mudanças

Uma vez que várias pessoas na FUNAI aparentemente têm a opinião de que o índio nambiquara simplesmente não aceita o mudar-se, achamos por bem fazer um pequeno estudo estatístico

da situação na Reserva Nambiquara e o Posto Nambiquara, que é contíguo. Quando a Reserva foi criada, em 1968, havia exatamente 100 Nambiquara do Campo morando dentro da área. Hoje, há 142. Também, em 1968 havia somente 33 Nambiquara do Norte morando em terras reservadas; hoje, há 127. Convertendo estes números em porcentagens da população total nas duas épocas, podemos apresentar o seguinte quadro:

Porcentagem da População que Mora em Terras Reservadas

	1968	1975
Nambiquara do Campo	55%	79%
Nambiquara do Norte	23%	72%
Total	41%	76%

Também, em 1968 haviam apenas três aldeias nambiquaras nas terras reservadas. Hoje, há 13. Esta tendência de espalhar-se dentro da Reserva para o melhor aproveitamento dos recursos naturais indica um aumento no sentido de segurança dos índios, já cientes de que as terras reservadas têm a proteção da lei.

A conclusão óbvia é que os Nambiquara do Campo e do Norte valorizam a sua Reserva, e vem, aos poucos, entrando nela. Provemos que, dentro do próximo ano, quase 100% dos Nambiquara do Norte estarão em terras reservadas. Se criarmos uma reserva para os Nambiquara do Vale do Guaporé, com a mesma ecologia à qual estão acostumados, também entrarão.

Três tentativas de mudar estes índios (wasúsú, ãlântésú, e nahaintésú) fracassaram, por razões claras. As mudanças foram feitas bruscamente, sem preparação adequada; não foi respeitado o princípio de equivalência ecológica; e não foi respeitada a política indígena. Para evitar estes problemas no futuro, já estamos preparando os índios do Vale do Guaporé para uma mudança eventual. Visando a necessidade dos pequenos grupos morarem em maior proximidade numa futura reserva, Silbene de Almeida está promovendo maior comunicação entre eles. Quando viaja entre um grupo e outro, ele leva índios para fazerem visitas. Também leva cartas gravadas em cassetes, e presentes, como milho e ramo de mandioca para o plantio.

Um grupo de nahaintésú continua morando na sede da Fazenda Vale do Guaporé (Zillo), ao lado da pista de aterrissagem.

Compreende-se o seu desejo de morar ali, pois a sede foi construída em cima da sua aldeia tradicional. Entretanto, a convivência quotidiana com os civilizados lhes é prejudicial, e por isto determinamos tentar promover o seu afastamento do lugar. Assim, escrevemos (em 06/10/75) ao missionário Ernst de Booy, solicitando que o mesmo se retire da sede da fazenda, estabelecendo-se em outra aldeia do mesmo grupo, para criar um ponto de atração alternativo.

Os últimos dois grupos de Nambiquara do Norte que moram fora da Reserva estão planejando entrar. Segundo um radiograma de Peter Kingston (SIL) de 14/10/75, os Nagarottu esperam mudar antes do fim deste ano. Recentemente, Judas Thadeu e Silva levou o índio Frederico, líder do grupo do Seringal de Faustino, para conhecer a Reserva e escolher uma área de seu gosto. Prevê-se a mudança deste grupo para o ano que vem.

D. Distúrbios Sociais

No fim do segundo trimestre, descobrimos o índio Otaviano Xavante morando no ex-PI Wasusu, na Reserva Nambiquara. Questionamos as razões da sua permanência ali, e ele nos apresentou um documento escrito a mão, sem data, e assinado "Fritz Sertanista", alegando que o dito índio Xavante tinha a autorização do Delegado da 5ª DR para morar no lugar e vigiá-lo. Estranhamos este documento de duvidoso valor legal, e o fato de não termos sido informados do assunto com antecedência. Otaviano Xavante continuou no lugar até o início do terceiro trimestre, e suas atenções à índia Brasilina resultaram no rompimento do seu casamento.

Na ausência do Chefe de Posto, Ariovaldo José dos Santos, o sertanista Fritz (Friedrich Paul Tolksdorf) entrou na aldeia de Serra Azul, e levou dois índios nambiquaras, Lourenço e Fuado, para Aripuanã, a fim de trabalharem no rastreamento e possível "pacificação" dos Cinta Larga. Como absolutamente nada foi nos comunicado sobre este assunto, não podemos comentar as condições de trabalho prometidas. Consta, entretanto, que os Cinta Larga são inimigos tradicionais dos Nambiquara, tendo-os atacado várias vezes, e que no dia 14 de julho Lourenço e Fuado apareceram no Posto Nambiquara, perto de Vilhena, tendo fugido uns 60 km a pé. Queixaram-se que foram abandonados

em Aripuanã, e que ficaram sem comida e munições. Chegaram no Posto gripados. Após tratamento, Ariovaldo José dos Santos levou-os de volta para Serra Azul.

Durante o trimestre, o fotógrafo W. Jesco von Puttkamer e o arqueólogo Eurico Müller trabalharam em escavações uns três quilômetros da aldeia wasùsú. Quer queira, quer não, a turma arqueológica estava em contato quase que diário com os índios. Quando solicitamos autorização para trabalhar nesta área indígena, o Sr. Jesco alegou que tinha autorização para entrar em qualquer grupo indígena do Brasil, mas nada mostrou por escrito.

II. Assistência Econômica

A. Agropecuária

No Vale do Guaporé, Sílbene de Almeida está estimulando a agricultura, que tinha sido negligenciada devido aos problemas de contato com a sociedade nacional. Trocou implementos agrícolas, e providenciou mudas e sementes, tanto quanto galinhas. As roças que os wasùsú e os Alântésú estão fazendo são duas a três vezes maiores do que as roças do ano passado.

No Norte, o grupo de Marco Rondon e a turma de Gabriel, que mudaram para o Posto Nambiquara este ano, estão fazendo roças, sob a direção do Técnico Rural Jorge Falca, nas matas do Córrego Aroeira. O solo ali é fértil, e o lugar é mais para dentro do Posto do que a aldeia já estabelecida, no Córrego Toloiri, que é limítrofe com propriedade particular.

A aldeia de Canararé, tendo esgotado as poucas matas do lugar, decidiu mudar-se para Campos Novos, antiga invernada do General Rondon. Ariovaldo José dos Santos ajudou na mudança, levando ramos de mandioca no carro do Projeto, e fornecendo sementes de milho. O solo de Campos Novos é excelente, e os índios estão fazendo a sua primeira experiência com arroz, em grande escala. Aldeia Branca também está plantando arroz.

B. Artesanato

Os Nambiquara do Campo e do Norte já têm o costume de trocar os seus artefatos pelas necessidades de sobrevivência, tais como implementos agrícolas e material de caça. Entretanto, os índios do Vale do Guaporé, com pouca experiência da

sociedade nacional, somente agora estão aprendendo a trocar. Não obstante, o volume de trocas no Vale do Guaporé aumentou 150% para arcos, e 300% para balaios, sobre o segundo trimestre.

Convém frisar que o estado de saúde dos Nambiquara é muito ligado à troca de artesanato. Pois é à base de trocas que eles conseguem as munições para a caça e a providência de carne. Infelizmente, o sistema de Artíndia continua prejudicando as trocas (veja Relatório 01/CPN/75, de 07/7/75, pág. 19-22), e as vezes é difícil conseguir as munições, devido à falta de entendimentos claros entre a FUNAI e o DOPS.

III. Assistência Médica

A. Situação de Saúde

Durante o trimestre, a saúde dos índios foi razoavelmente boa, como é geralmente o caso durante as secas. Entretanto, os médicos de Vilhena estão prevendo um catástrofe de doenças para toda a região durante as chuvas que entram. Os muitos colonos que chegaram este ano incentivados pelo INCRA trouxeram doenças que agora vão se espalhando. Há seis anos, a única malária na região Nambiquara foi P. vivax. No início deste ano, apareceu P. falciparum, que custou as vidas de quatro índios no Sararé em abril, e de mais um no Posto Nambiquara recentemente. Também, há suspeita de febre amarela em Vilhena, e uns 35 casos de leishmaniose já foram diagnosticados no Vale do Guaporé.

Registramos seis nascimentos e cinco óbitos, mas estão faltando informações a respeito do Distrito do Norte.

B. Assistência de FUNAI

Embora façamos o possível, o pessoal do Projeto Nambiquara não têm qualificações médicas, e portanto, dependemos neste setor em outros integrantes da FUNAI. Infelizmente, estas pessoas têm se mostrado relutantes em apoiar, e a assistência prestada tem sido, na melhor das hipóteses, negligente.

No começo de julho, o Coordenador do Projeto falou com o Dr. Aldo Olmos Molina sobre a possibilidade da FUNAI dispor de um Atendente de Enfermagem para acompanhar cada Chefe de Posto. Depois de duas semanas, o Dr. Molina sugeriu que o Projeto solicitasse este pessoal ao DGO, o que se fez por Ofício Nº 07/CPN/75, de 22/7/75. Depois de voltar da região nambiquara, onde passou a primeira parte de setembro, o Co-

ordenador recebeu de volta o ofício, com um parecer no qual o Diretor Substituto do DGO alega que 20% da população nambiquara morreu desde o início do Projeto, mas nega a disponibilidade dos servidores solicitados.

"Dona Cecília" (Kazuko Tsumori), enfermeira da Equipe Volante da 5^ª DR, projetou uma viagem em agosto, para completar o programa de vacinação dos Nambiquara contra sarampo e tuberculose. O Delegado encaminhou o plano de viagem ao DGO com Ofício 339, de 14/7/75. O DGO demorou para reagir, e finalmente respondeu que não estão disponíveis as vacinas necessárias.

Por Ofício 18/CPN/75, de 20/8/75, o Coordenador do Projeto solicitou ao DR que fornecesse bastante piperazina e tetracloretileno para tratar toda a população nambiquara. Estes medicamentos eliminam os parasitos Oxyuris vermicularis, Ascaris lumbricoides, e Necator americanus, que são endêmicos entre os Nambiquara, baixando a resistência de todos, e causando grave estado de anemia em alguns. Com um tratamento quatro vezes ao ano, a saúde de todos os Nambiquara melhoraria sensivelmente. Mas, quando o Coordenador apareceu na farmácia da FUNAI para receber os medicamentos solicitados, foi informado de que piperazina e tetracloretileno estavam em falta. Perguntou se seriam fornecidos logo que houvesse, e foi informado que não; que seria necessário solicitar novamente no futuro.

No dia 17 de setembro, o Coordenador descobriu quatro índios na Fazenda Vale do Guaporé (Zillo) sofrendo de anemia aguda, sem dúvida provocada, pelo menos em parte, por parasitos intestinais. Uma vez que não foi possível ficar no local para o prazo de aplicação dos remédios, ele aconselhou os índios a procurar ajuda na enfermaria da fazenda, e com o missionário, Ernst de Booy, para quem ele deixou medicamentos.

Dia 04 de outubro, chegaram na chácara da FUNAI em Cuiabá uma das pessoas anémicas que o Coordenador tinha visto no Zillo, e mais três pessoas saudias, trazidas a Cuiabá sem consultar o pessoal do Projeto Nambiquara. Em 15 de outubro, a doente estava com alta, mas o Projeto não dispunha de meios para levar os quatro de volta à Fazenda Zillo. Se fossem enviados de volta por avião, o custo dos dois vãos e as duas semanas de permanência na chácara (aproximadamente \$80,00 por

dia por pessoa) somaria perto de \$10.000,00. Com este montante, podia-se tratar os parasitos intestinais de todos os índios nambiquaras durante um ano inteiro.

Finalmente, queremos chamar atenção ao relatório do missionário Gustav Briegleb de 12 de outubro de 1975, que conta o caso da criança do cacique dos wãikatóáí. A criança, com poucos meses de idade, tinha uma perna inflamada, e a enfermeira do Posto de Saúde da cidade de Mato Grosso desconfiou de fratura. Levada à chácara da 5^a DR, junto com os pais, foi constatado que não houve fratura, mas sim, abscesso. O abscesso foi lançado, mas a radiografia acusou a possibilidade de osteomielite. A equipe de ortopedia da Santa Casa, que ficou encarregada do caso, receitou um tratamento de antibióticos. Depois de 45 dias, os antibióticos mataram a flora intestinal, a criança pegou diarreia, e morreu de desidratação.

Dia 26 de setembro, a DR decidiu enviar os pais da criança, "em estado lastimável de magreza," à Fazenda Amburana (Sorana), mais de 100 km distante do grupo a que pertencem. Esta decisão foi promovida pelo sertanista Fritz (Friedrich Paul Folksdorf); o Coordenador do Projeto Nambiquara estava em Cuiabá, mas não foi consultado. Por sorte, Gustavo soube do assunto a tempo, e alcançou o avião que ia levá-los, já com a hélice girando para decolar. O casal ficou muito contente em vê-lo, e no dia seguinte, ele os levou à cidade de Mato Grosso para serem reunidos aos seus parentes.

Consideramos o tratamento que estes índios receberam às mãos da 5^a DR simplesmente inexplicável, e esperamos que sejam tomadas providências a fim de esclarecer o assunto, e para que tal coisa nunca mais volte a acontecer.

P. David Price
Coordenador do Projeto Nambiquara
22 de outubro de 1975